MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
1999 **nº 194**

A RUA VISCONDE DE GUARATINGUETÁ

Nos primórdios da colonização de Guaratinguetá, a atual rua Visconde era apenas uma trilha que passava ao lado da Capela de Santo Antônio, ali erguida em 1630.

Após o ano de 1717, quando o Conde de Assumar, Governador de São Paulo e Minas passou por Guaratinguetá, motivando o achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição, era por essa mesma trilha que os primeiros devotos seguiam para visitar a imagem "aparecida" no rio Paraíba, no "termo da Vila de Guaratinguetá".

Com a abertura do Caminho Novo da Piedade, ligando o Vale do Paraíba ao Rio de Janeiro, a partir de 1774, viajantes que se dirigiam a São Paulo percorriam a mesma trilha que, vindo de Lorena, passava pelo Largo da já então Matriz de Santo Antônio, atravessava o ribeirão dos Motas e alcançava a famosa figueira que daria o primeiro nome ao caminho: *Rua da Figueira*. Por ela transitaram, entre outros: em 1723 Frei Agostinho da Piedade; em 1795 o futuro Regente do Império, Feijó, quando, menino ainda, residiu em Guaratinguetá; em 1817 Spix, Martius e Tomas Ender; em 1821 Arnaud Julien Pallière; em 1822 Augusto de Saint'Hilaire. Ainda em 1822, o Príncipe Dom Pedro, seguindo a trilha da independência, após seu pernoite na casa do Capitão-Mor de Guaratinguetá, ao alcançar a figueira, apeou do cavalo e gravou suas iniciais no tronco. O fato foi relatado pelo escritor viajante Augusto Emilio Zaluar que também ali passara em 1860: "este gigante de vegetação que



nasceu de uma estaca de tropeiro, é duplamente digno de veneração: a ramagem que lhe sombreia o tronco colossal pode abrigar uma porção de cavaleiros... vê-se ali entalhada a firma de S.M. o Imperador Sr. D. Pedro I pelo seu próprio punho..."

Em 1827, o viajante francês Alcides D'Orbigny em companhia de um naturalista alemão, descansaram à sombra da figueira. Também os vereadores da Câmara de Guaratinguetá ali apearam, quando, em 1865, acompanharam até a divisa de Pindamonhangaba, o primeiro voluntário guaratinguetaense para a Guerra do Paraguai: o jovem Joaquim Francisco de Andrade.

Quando a Princesa Isabel e o Conde D'Eu passaram uma temporada em Guaratinguetá, em 1868, era pela rua da Figueira que os príncipes seguiam, com numerosa escolta, para assistir à Santa Missa na Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Em 1878, após a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo e Rio de Janeiro, "...os Imperadores do Brasil, na companhia de convidados ilustres, entre outros, o Visconde do Bom Retiro, o Conde de Iguaçu, o Barão de Maceió, a Baronesa de Fonseca e Costa, o Dr. Carvalho Paço, desceram de trem na Estação de Guaratinguetá, seguiram de caleça pela rua da Figueira até o palacete do Visconde onde lhes foi oferecido jantar..."

A rua da Figueira monopolizou o movimento de visitantes ilustres da cidade quando ali residiu o Visconde de Guaratinguetá - Francisco de Assis Oliveira Borges, em imponente palacete, sede de uma chácara cujas terras alcançavam ao fundo, a linha férrea e, lateralmente, o ribeirão dos Mottas. Após o falecimento da Viscondessa, em 1896, o solar sediou a Escola Complementar. Com a Escola e o número cada vez maior de estudantes e jovens, esta rua passou a ser uma das mais movimentadas da cidade. Depois do incêndio que destruiu o casarão em 1916, foi ali erguido o atual prédio da Escola Estadual "Conselheiro Rodrigues Alves". Apesar da troca dos prédios, o local continua enriquecido pela presença da mais bela filha do Visconde - Maria Augusta, falecida em 1891. As aparições - que foram tema de Reportagem da TV Globo - não ocorrem apenas nos corredores do prédio, mas também pela rua da Figueira, percorrida por Maria Augusta em carruagem, até o grande portão de ferro da Escola...

Reminiscências do Império também permaneceram na República, quando a Baronesa de Loreto, filha do Marquês de Paranaguá (um dos poucos titulares que acompanharam Dom Pedro II no exílio) descia de troléi da rua do Vigário e seguia pelo antigo caminho até a Basílica de Aparecida. O passeio se repetiu por várias vezes, estando a Baronesa hospedada em casa do Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, filho do Visconde.

Após o falecimento do Visconde, em 1878, a rua da Figueira passou a se denominar Visconde de Guaratinguetá, em homenagem a seu nobre morador A figueira - marco vegetal de tanta importância para nossa história, entretanto, não foi respeitada pelas autoridades municipais. Na década de 1940 foi sacrificada. O bairro que nasceu em torno dela, entretanto, ainda mantém seu nome e sua memória.

Pela rua Visconde, seguiram os trilhos dos bondes que ligaram, em 1902, Guaratinguetá e Aparecida e que, na década de 1950, também foram destruídos em holocausto ao "progresso"... Outros marcos do século XX, entretanto, ainda se preservam, como o palacete do Dr. Benedito de Meirelles Freire, hoje Escola de Enfermagem e que tem como patrono o humanitário médico. Este palacete substitui o casarão colonial de dona Emília Elvira de Oliveira França, sobrinha do Visconde de Guaratinguetá, casada com Manoel Benedito Moreira Jr., afamada pelas deliciosas queijadinhas. À frente dessa casa, ficava antigamente, na época da Colônia, a "venda" do Sr. Antônio Galvão de França, comerciante de posses na Vila de Guaratinguetá e pai de Frei Galvão.

Atualmente, a casa de nº.2 que pertenceu ao ilustre Delegado de Ensino, Prof. José Pereira Éboli abriga a Secretaria de Educação e Cultura do município.

Já na calçada da Escola de Enfermagem e após o ribeirão, fica a residência da família do Sr. Manoel Ângelo da Silva, maestro do famoso conjunto musical 7 Bemois, que nas décadas de 1940 e 1950 tanto alegrou os bailes do Clube Literário. Mais acima, a casa onde morou, quando jovem, o Dr. Rubens Limongi França, um dos grandes jurisconsultos paulistas, falecido recentemente; a seguir, o imponente casarão, datado de 1891 e demolido em 1998, da família do Cel. Marques (Antônio Marques dos Santos) republicano histórico e abastado fazendeiro; a residência da família Félix (Rodrigues Pinto) com uma porta altíssima (já demolida) e vizinha da Rodoviária. Ladeando a Escola Conselheiro Rodrigues Alves, duas chácaras que pertenceram às terras do solar do Visconde: a do fazendeiro Maurilo Romeiro da Rosa, conservando ainda mangueiras plantadas pelo titular, com terras até o ribeirão; e a do fazendeiro Cap. Antonino Pereira da Rosa, cuja sede fica na esquina com a atual rua Lamartine Delamare, hoje desfigurada e subdividida em lojas. Esta chácara fora doada no século passado pelo Visconde de Guaratinguetá a seu fiel amigo Cel. Antônio Pires Barbosa Jr., Cavaleiro da Ordem de Cristo, um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia. Segundo a tradição familiar, o Cel. Pires Barbosa recusara o título de 2º Barão de Guaratinguetá por suas convicções políticas, deixando a chácara por herança a Francisco Paulino Gonçalves, que a vendeu ao Cap. Antônio Pereira da Rosa que, loteando parte do quintal da chácara, deu origem às primeiras casas da rua Lamartine Delamare.

Existe ainda na rua Visconde a casa que pertenceu a família Arantes e que se distinguia das demais pela vistosa parede coberta de hera e hoje por suas frondosas flamboyant.

Moradores da rua Visconde viveram momentos de emoção em 1932 com os soldados legalistas invadindo e saqueando os casarões. Em 1939, com o raid São Paulo-Rio, com os campeões do automobilismo mundial, o italiano Pintacuda e o brasileiro Manoel de Teffé; nas décadas de 40, 50, 60, com os vistosos desfiles do Instituto de Educação; no dia 17 de maio de 1999 com a resplandecente procissão luminosa homenageando as relíquias do padroeiro da cidade, Santo Antônio...

Moradores da rua Visconde, ainda se recordam que ao entardecer, era comum as crianças se reunirem para brincadeiras, hoje esquecidas, de roda, pique, esconde-esconde, anel, maré, céu-inferno, estátua, cabra-cega, gangorra (geralmente em cabeçalho de carro de boi), pião, abafa-abafa... Rememoraram as severas recomendações maternas para desviarem o olhar das "moças" que se postavam à frente de umas "casinhas" existentes onde hoje se situa a estação rodoviária. A curiosidade era tanta que, sobrepujando os conselhos, as depoentes gravaram na memória os trajes transparentes, nada convencionais, das alegres moças à frente das tais "casas proibidas"...

Hoje a rua Visconde passou a ligar dois polos de turismo religioso do Vale do Paraíba: a Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida e a Catedral de Santo Antônio, em Guaratinguetá, onde se encontra a capela batismal de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão.

O maior vulto religioso do país - Frei Galvão - por certo percorreu por centenas de vezes, com suas sandálias franciscanas, a mais longa rua do centro histórico da cidade, a antiga rua da Figueira, atual *rua Visconde de Guaratinguetá*.

MARIA ISBELLA MAIA FABIANO

FONTES DE CONSULTA

- Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão.
- Monografias publicadas pelo Museu Frei Galvão.
- Depoimentos diversos.